Curtas Reflexões sobre a cooperação

O Programa Leader, ou melhor, a metodologia Leader, integra na sua matriz um eixo de cooperação. A razão é simples. A partilha de informação potencia o conhecimento, alarga horizontes e desta forma favorece práticas inovadoras de trabalho, seja na definição de estratégias, seja na implementação de projectos específicos.

No entanto, a cooperação, pelas suas características específicas, exige uma clara definição de objectivos. Caso contrário, redunda em acções indefinidas. No início de um processo de cooperação há sempre uma fase de sucesso muito difícil de prever. Tratam-se dos contactos iniciais, indispensáveis à procura de parceiros. Pode tornar-se numa fase ingrata, porque a possibilidade de sucesso depende de uma comunhão de vontades. Mas é igualmente esta fase que caracteriza à partida a genuinidade da vontade em cooperar. Senão vejamos. O apoio à cooperação deve ser relativamente elevado. Cooperar é um processo caro, e com pouco retorno na primeira fase, precisamente a do estabelecimento de parcerias. Será, portanto, importante que os programas financeiros prevejam um apoio sem "cerimónias" nesta fase inicial. Estes apoios, que devem ter taxas de cofinanciamento elevadas, caso contrário eliminam a promoção da cooperação, são geralmente pouco simpáticos para a Administração, formatada que está na avaliação de objectivos e resultados. Ambas as visões estão correctas, mas ambas têm que fatalmente coexistir.

De facto, a disponibilidade de apoios com taxas elevadas é simpático para as associações, que desta forma se lançam na aventura da cooperação. No entanto, a relativa facilidade inicial pode redundar numa falta de atenção ou focalização. Foi o que aconteceu em alguns casos no programa Leader+. Houve um conjunto significativo de projectos, alguns até repetidos nos objectivos, que no final não alcançaram resultados razoáveis. Verificou-se igualmente um numero elevado de projectos que nem passaram da fase inicial. É o risco da cooperação na óptica da Administração. No entanto, com as mesmas regras que podem justificar alguns dos casos de insucesso, verificaram-se casos de enorme sucesso. Ou seja, o sucesso dos processos de cooperação depende muito mais dos actores do que dos financiamentos.

O que foi referido é particularmente visível nos processos de cooperação para o desenvolvimento. A cooperação Leader foi concebida para os territórios europeus, com necessidades e realidades relativamente semelhantes. A cooperação para o desenvolvimento é diferente, porque as partes em cooperação tem interesses e motivações diferentes, dentro, naturalmente, do interesse superior de cooperar. A cooperação para o desenvolvimento é um processo mais lento, em que a confiança e investimento no próprio processo de cooperação são ainda mais necessários. É pois um processo de mais difícil operacionalização e mais

exposto aos constrangimentos do financiamento. As associações que estão ligadas a este tipo de cooperação são simultaneamente aquelas que já cooperam há mais tempo. Ou seja, são aquelas em que a cooperação atingiu um nível que a faz estar incorporada nas próprias estratégias, tendo ultrapassado a mera lógica de projecto para ser algo mais "genético". Por isso a cultura da organização é determinante para o sucesso.

Outro aspecto muito importante, que se verifica estar a ser pouco trabalhado pelas associações, tem que ver com a falta de preocupação na demonstração do valor acrescentado da cooperação, tornando difícil a sua efectiva avaliação. Este facto condiciona o papel da Administração que, com uma lógica de trabalho diferente, tem muitas dificuldades em justificar a mais-valia da cooperação. Há técnicas de avaliação de projectos que podem perfeitamente ser aplicadas nos processos de cooperação. Sem a demonstração "objectiva" da mais-valia da cooperação, não é possível promover a alterações de regras e de procedimentos e, mais importante, de práticas de trabalho. A avaliação de resultados de cada projecto ou processo é pois fundamental. Quais os benefícios para os territórios, deve ser uma questão sempre presente nos processos de cooperação. À mulher de Cesar "não basta ser séria…".

Cooperar é uma mais-valia, sem dúvida. A Administração deveria alterar a sua forma de encarar o investimento em cooperação, sem dúvida. Mas as associações deverão igualmente ter mais preocupação em apresentar e demonstrar os efectivos benefícios da cooperação, sem dúvida.

Rui Batista